

e bioquímico corroboram com diagnóstico de *E. canis*, constituindo importantes ferramentas para diagnóstico da enfermidade em cães.

Palavras-chave: Erliquiose, PCR, cão.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da UESC

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UESC

3 Aluno de Medicina Veterinária e bolsista de Iniciação Científica CNPq

4 Professor do Departamento de Agrárias e Ambientais da UESC. (loravip@gmail.com)

AO-58

ESTUDO DE VIABILIDADE DA PLASMAFERESE AUTOMATIZADA EM CANINO: RELATO DE PROCEDIMENTO

Wellington Monteiro da Anunciação Filho¹, Carla Ferreira Loureiro Lima¹, Pâmella Polyane Monteiro¹, Pierre Barnabé Escodro², Eduardo Gasparoto Roveri³, Karina Pessoa de Oliveira⁴

As plasmaféreses são raramente realizadas em cães com o propósito restrito de produção de vacinas e plasmas hiperimunes. O procedimento ainda é utilizado de forma manual, sendo que o procedimento automatizado ainda não foi descrito para a espécie, porém demonstrado com sucesso em equinos. O objetivo deste trabalho foi avaliar a viabilidade da realização de plasmaférese automatizada na espécie canina com equipamento Fresenius modelo AS104, acoplando-se o KIT PL1, simulando a substituição total do plasma circulante, considerando a necessidade de uma plasmaférese terapêutica, avaliando intercorrências trans-procedimento, tempo de coleta, volume de plasma obtido e volume de sangue processado. Foi selecionada uma cadela da raça Pastor alemão, três anos, pesando 26kg. Para realização do procedimento foram utilizados dois acessos venosos no animal: veia jugular esquerda, denominada de via de coleta e veia safena esquerda representando a via de reinfusão, após prévia tranquilização intravenosa com diazepam (0,2mg/kg) e quetamina (10 mg/kg). A separação do plasma ocorreu por via automatizada com o aparelho descrito, coletando o plasma por centrifugação a 671 g e reinfundindo os hemocomponentes. O animal foi monitorado durante o procedimento, sendo controlada a diurese, mensuração da pressão arterial, tempo de preenchimento capilar, frequência cardíaca e respiratória. Foi preconizada a retirada do plasma circulante total, considerando-se o volume sanguíneo total de 8% do peso vivo e Ht de 36% (mensuração pré-aférese), o que proporcionou a coleta de até 1331,20ml. O volume total de plasma coletado foi de 1250ml, tendo sido processado um volume de 2139ml de sangue total, em um tempo de 42 minutos. Concomitante à retirada do plasma, foram infundidos na paciente 500ml de solução Ringer Lactato, 250ml de soro fisiológico e 500ml de expansor plasmático (Oxiplogelatina a 5,5%). A paciente não apresentou manifestação anafilática, tal como prurido, pápulas, inchaço nos olhos, blefaroespasma, lacrimejamento, tremores ou estertores nas vias aéreas. A plasmaférese automatizada em cães é possível e viável com o equipamento Fresenius modelo AS104. São necessárias novas pesquisas para a padronização da técnica e indicações de plasmaféreses terapêuticas.

Palavras-chave: Cão, Plasma, Automatização, Aférese.

¹Médicos veterinários Graduados pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

²Professor Adjunto do curso de Medicina Veterinária da UFAL

³Biomédico Responsável Setor de Aférese- Hemocentro da UNICAMP

⁴Médica Veterinária Responsável Técnica pelo Laboratório Clínico UFAL

AO-59

MENSURAÇÃO DO DÉBITO URINÁRIO EM CÃES SADIOS, PREVIAMENTE SEDADOS COM ACEPROMAZINA ASSOCIADA À METADONA, MANTIDOS SOB ANESTESIA INALATÓRIA A BASE DE ISOFLUORANO

Bruna Artioli Zuntini¹; Inajara Nakamura Hirota¹; Carolina Hagy Giroto²; Carla Renata Massufaro²; Marie Oshiiwa³; Rodrigo Prevedello Franco⁴

O débito urinário (DU) é definido como a quantidade de urina produzida pelos rins em um período pré-definido, relacionando seus valores diretamente com a função e perfusão renal, podendo sofrer influências durante os procedimentos anestésicos. Assim, buscou-se mensurar o DU em cães sadios submetidos à sedação de acepromazina associada à metadona e mantidos com anestesia inalatória utilizando isofluorano, na realização da ovariopalingo-terectomia. Para isso, foram avaliadas 24 fêmeas caninas, com idades entre um e sete anos, ausentes de alterações no exame físico e laboratoriais. Os cães foram previamente avaliados e medicados com acepromazina (0,05mg/kg/IM) associado a metadona (0,3mg/kg/IM), com subsequente cateterização, esvaziamento vesical urinário e acoplagem do coletor de urina. Para a manutenção volêmica utilizou-se solução de ringer com lactato na dosagem de 10ml/kg/h, com posterior indução anestésica à base de diazepam (0,5mg/kg) e propofol (4mg/kg), ambos por via endovenosa, até a perda do reflexo laríngeo e intubação orotraqueal; realizando a manutenção anestésica com isofluorano e oxigênio a 100%. Para a aferição dos parâmetros clínicos, utilizou-se um monitor de multiparâmetros, com a mensuração não invasiva da pressão arterial sistólica (PAS) por meio do Doppler vascular, além da glicemia e lactato sérico. Já na recuperação anestésica, o DU foi mensurado com o esvaziamento total vesicular; além da prescrição terapêutica e orientações pós-operatórias. Os resultados caracterizaram as fêmeas caninas com idade e peso corporal médios de 4,8 anos e 8,7kg, com duração média dos procedimentos cirúrgicos e anestésicos de 134,5 minutos. O volume urinário foi estimado previamente e individualmente, com o intervalo médio (n=24) de 9,8 a 17,4ml/h de urina. Porém, o DU médio final não diferenciou significativamente ($p>0,05$) dos valores iniciais, com um volume urinário médio de 39,3ml em 134,5 minutos; e DU final médio de 2,2 ml/kg/h. As variáveis FC, temperaturas retal e periférica, glicemia e lactato sérico, não apresentaram diferença significativa ($p>0,05$) quando comparados aos valores basais. Entretanto, os valores médios da FR (81,3+/-15,2) e PAS (162 +/-33) reduziram significativamente nos períodos trans (FR= 15+/-3 e PAS=109+/-10) e pós-anestésico (FR= 30+/-8 e PAS=144+/-27). Assim, podemos concluir a manutenção do DU e dos parâmetros clínicos estudados com a utilização do protocolo anestésico.

Palavras-chave: volume urinário, anestesia, caninos.

1 MV Residentes da Clínica-Cirúrgica de pequenos animais da Universidade de Marília

2 Graduandos do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília

3 Docente da Faculdade de Tecnologia de Marília

4 Docente do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília;

E-mail: inajara_nhirota@hotmail.com

AO-60

OCORRÊNCIA DA *CHLAMYDOPHILA FELIS*, PLASMÍDEO CRÍPTICO, FHV-1, FIV, FELV EM GATOS

Fernanda Gonsales¹ Aline da Hora¹ Paulo Brandão¹ Nilson Benites¹

Ocorrência da *Chlamydomphila felis*, plasmídeo críptico, FHV-1, FIV, FeLV em gatos. A infecção de trato respiratório superior em gatos é uma